

A Presença de Aldo Barreto na Ciência da Informação e na Formação em Biblioteconomia do Brasil¹

Eliziane Freitas Müller²

Resumo

Embora seja reconhecida a contribuição de Aldo Barreto para a pesquisa e produção científica na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, sua trajetória e seus diálogos interdisciplinares com as áreas informacionais parecem não ter sido ainda destacados de forma expressiva, e isso talvez por conta de sua abordagem um tanto quanto heterodoxa que se distinguiu das abordagens usuais ou, ainda, por conta de sua formação como economista que, em certa medida, favoreceu uma perspectiva mais pragmática do assunto informação e conhecimento. De qualquer modo, a visão deste pesquisador permitiu ultrapassar, ao menos em teoria, o conceito de informação como algo estático, coisificado, para algo dinâmico, em permanente devir, resultado daquele processo complexo por ele chamado de “Indústria de Produção de Conhecimento”. A ênfase do presente estudo está tanto na presença dos ensinamentos de Aldo Barreto na área da Ciência da Informação (CI) quanto no ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro, de modo a verificar onde os conhecimentos produzidos por este pesquisador se inserem tanto na pesquisa de CI quanto na formação da profissão de bibliotecário no cenário nacional. Nesse sentido, o foco principal deste estudo é investigar a presença dos escritos de Aldo Barreto nos estudos de informação e na formação de bibliotecários no Brasil. A pesquisa possui dois momentos de aspecto metodológico, o primeiro refere-se a uma reflexão a partir da bibliografia produzida por Aldo Barreto (sobre Ciência da Informação) e o segundo, uma análise documental em um conjunto de disciplinas dos cursos de Biblioteconomia do Brasil. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza exploratória com abordagem qualitativa com procedimento metodológico bibliográfico e documental.

Palavras-chave: Aldo Barreto; Biblioteconomia; Ciência da Informação; Indústria da Informação; Indústria do Conhecimento.

Abstract

Although Aldo Barreto's contribution to research and scientific production in the area of Library and Information Science is recognized, his trajectory and his interdisciplinary dialogues with the informational areas seem to have not yet been highlighted in an expressive way, and this maybe because of his a somewhat heterodox approach that distinguished him from the usual approaches or, even, because of his training as an economist, which, to a certain extent, favored a more pragmatic perspective on the subject of information and knowledge. In any case, this researcher's vision allowed us to go beyond, at least in theory, the concept of information as something static, reified, to something dynamic, in permanent becoming, the result of that complex process he called the “Knowledge Production Industry”. The emphasis of this study is both on the presence of Aldo Barreto's teachings in the area of

¹ Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso orientada pelo Prof. Dr. Rodrigo de Sales, Departamento de Ciência da Informação/UFSC.

² Acadêmica do curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Information Science (IS) and on the teaching of Library Science in the Brazilian context, in order to verify where the knowledge produced by this researcher is so much part of the IS research and in the formation of the librarian profession in the national scenario. In this sense, the main focus of this study is to investigate the presence of Aldo Barreto's writings in information studies and in the training of librarians in Brazil. The research has two moments of methodological aspect, the first refers to a reflection based on the bibliography produced by Aldo Barreto (on Information Science) and the second, a documental analysis in a set of disciplines from the Brazilian Library Science courses. It is, therefore, an exploratory research with a qualitative approach with bibliographic and documentary methodological procedure.

Keywords: Aldo Barreto; Librarianship; Information Science; Information Industry; Knowledge Industry.

1 Introdução

Há 110 anos era criado o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, na data de 11 de julho de 1911, na Biblioteca Nacional, por meio do Decreto-lei 8.835, que aprovava o primeiro regulamento da Biblioteca Nacional.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorização conferida pelo art. 3º, n. I, da lei n. 2.356, de 31 de dezembro de 1910, resolve aprovar, para a Biblioteca Nacional, o regulamento que a este acompanha, assinado pelo Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores (BRASIL, 1911).

Segundo a página eletrônica da UNIRIO (2021), constam nos registros históricos que o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional foi na verdade idealizado por Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Barão de Ramiz, então presidente da Academia Brasileira de Letras, que dirigiu a Biblioteca Nacional por 12 anos (1870 a 1882). Considerado um humanista, Galvão foi médico, professor, reitor, filólogo, biógrafo e orador. Lecionou grego, retórica, poética e literatura brasileira e ocupou cargo de professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo sido, ainda, o primeiro reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também foi tutor do Príncipe Imperial D. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança (D. Pedro II) durante sua infância até a Proclamação da República Brasileira, em 1889, quando este partiu ao exílio, juntamente com a família, aos catorze anos de idade.

Por conta de sua formação e do caráter aristocrático de suas atividades, o curso por ele instituído no final do século XIX foi inspirado pela *École de Chartes*³. O ensino tinha

³ *École de Chartes*: A Escola de Cartas foi criada por Luís XVIII pela portaria de 22 de fevereiro de 1821, sob proposta do Ministro do Interior Joseph-Jérôme Siméon, ele mesmo convencido pelo projeto do Barão Joseph-Marie de Gérando. Desde a Revolução, a abolição das congregações religiosas e a transferência de poderes da

influência francesa, voltado exclusivamente para os funcionários da biblioteca e possuía caráter humanístico. Manuel Cícero Peregrino da Silva, um bibliotecário, professor e político, foi quem implementou o curso na primeira década do século XX em meio à reestruturação administrativa e com a nova sede recém-inaugurada (UNIRIO, 2021).

A mesa de abertura da inauguração do curso em 1915 contou com as presenças ilustres do Dr. Rui Barbosa, já na época um dos intelectuais mais conhecidos no Brasil, Dr. Silva Ramos, professor e escritor, posteriormente membro da Academia Brasileira de Letras, além do Diretor da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero Peregrino da Silva, os professores do curso Aurélio Lopes de Souza (que se tornaria diretor da Biblioteca Nacional), Constâncio Alves, médico e ensaísta que também viria a ser membro da ABL, e João Gomes do Rego, artista plástico renomado (UNIRIO, 2021).

Considerando-se o viés histórico, antes da fundação da Biblioteca Nacional, o ofício de arquivar e manipular informações já existia em nosso país. A primeira biblioteca brasileira surgiu dentro de uma instituição de ensino dos Jesuítas no Brasil Colonial. Naquele período, todo acesso ao conhecimento laico era controlado pela Igreja, situação que favoreceu a criação da primeira biblioteca do país no Colégio da Bahia; o primeiro bibliotecário no Brasil, foi o jesuíta português Antônio Gonçalves, em 1604, na biblioteca do citado Colégio (FONSECA, 1979).

Naquele período, e até o início do século XX, não havia cursos de formação de bibliotecários no país. E o primeiro bibliotecário concursado no Brasil foi Manuel Bastos Tigre, bibliotecário, jornalista, poeta, compositor, humorista e destacado publicitário brasileiro. Ele prestou concurso para se tornar bibliotecário do Museu Nacional em 1915, com uma tese sobre a Classificação Decimal. Mais tarde, transferiu-se para a Biblioteca Central da Universidade do Brasil, onde serviu por mais de 20 anos. Exerceu a profissão de bibliotecário por 40 anos, e sua data de nascimento, 12 de março 1882, é considerada, desde a publicação do Art. 4 do Decreto n.º 84.631 de 1980, “fica instituído o Dia do Bibliotecário, a ser comemorado em todo o território nacional a 12 de março, data do nascimento do bibliotecário, escritor e poeta Manuel Bastos Tigre” (BRASIL, 1980).

Nota-se que o início da história da Biblioteconomia no Brasil é marcado por ilustres personalidades advindas das mais variadas áreas, desde cultura, arte e educação até a linguística, a política e a saúde, uma característica, pode-se dizer, comum à época. Com o avançar dos anos, assim como em toda área de conhecimento, na Biblioteconomia e na

Igreja para o Estado criaram novas necessidades em termos de organização, conservação e estudo de documentos e manuscritos resultantes de confiscos.

Ciência da Informação alguns nomes passaram a se destacar por suas contribuições intelectuais, segundo Zoom Comunicação (2020) temos: Adelpha de Figueiredo, Edson Nery de Fonseca, Inezita Barroso, Laura Russo, Aldo de Albuquerque Barreto, entre outros.

Nesta pesquisa, o destaque é dado ao professor e pesquisador Aldo de Albuquerque Barreto e, assim, objetivou-se investigar a presença dos escritos de Aldo Barreto nos estudos informação e na formação de bibliotecários no Brasil. Para tanto, alguns objetivos específicos foram definidos: a) contextualizar a base formativa em Biblioteconomia no Brasil; b) identificar as principais abordagens trabalhadas por Aldo Barreto na área da informação e; c) destacar sua contribuição para os cursos de Biblioteconomia no país.

O interesse no assunto desta pesquisa se deu após a autora ter os primeiros contatos com textos de Aldo Barreto discutidos em aulas ministradas nas fases iniciais do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente nas disciplinas de Introdução à Ciência da Informação e Competência Informacional. Devido Aldo Barreto advir da economia e a autora desejar externar a Biblioteconomia aos olhos da sociedade, entendendo que o bibliotecário tem potencial para trabalhar além dos centros informacionais, o professor em questão, torna-se um alicerce para tal externalização. Outra motivação que vale destacar é a forma como o professor Barreto escrevia e expressava suas ideias, que torna a compreensão sobre a área mais objetiva e clara, muito provavelmente pelo fato de lançar mão de termos não necessariamente técnicos, assim, seus escritos tornam-se compreensíveis até mesmo para leitores iniciantes no assunto.

Tendo em vista estas motivações, emergem algumas questões relacionadas ao Aldo Barreto, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, tais como:

- I. Como Aldo Barreto se situa na base formativa em biblioteconomia no Brasil?
- II. Quais as principais abordagens trabalhadas por Barreto na área da informação?
- III. Quais as contribuições de Aldo Barreto para os cursos de Biblioteconomia no Brasil?

A reflexão a partir da bibliografia produzida por Aldo Barreto junto à análise documental realizada nas disciplinas oferecidas pelos cursos de Biblioteconomia do Brasil, fazem desta pesquisa, no que se refere aos procedimentos metodológicos, uma pesquisa bibliográfica e documental. Em aspecto mais amplo, trata-se de um estudo de natureza exploratória, cuja abordagem é qualitativa, uma vez que as inferências aqui alcançadas são fruto de um exercício analítico e interpretativo.

2 A formação em Biblioteconomia no país

As dimensões formativas da Biblioteconomia brasileira podem ser compreendidas sob várias perspectivas. Como principais, pode-se considerar as dimensões profissional, a técnica e a que diz respeito aos métodos de influência, ou seja, os métodos de ensino, no caso, humanista e pragmático. A perspectiva profissional abarca todos os aspectos envolvidos desde a formação até os estudos e análises quanto ao mercado de trabalho. A dimensão técnica engloba as formas de controle, processamento e armazenamento da informação e, também, o uso das novas tecnologias e linguagens documentárias. Tal dimensão é a mais variável, uma vez que a todo instante novos meios, métodos e modelos de tratamento e manipulação da informação são desenvolvidos. E, por último, mas não menos importante, os modelos de influência evidenciam o currículo e a inserção política, social, cultural e educacional do bibliotecário. Em outras palavras, sua formação acadêmica.

O primeiro Currículo Mínimo que padronizava as disciplinas no campo da Biblioteconomia brasileira foi estabelecido em 1962, após a obrigatoriedade estabelecida pela Lei 4.084/62 que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regulamenta a profissão.

Do Exercício da Profissão de bibliotecário e das suas atribuições Art 1º A designação profissional de bibliotecário [...] é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia, de conformidade com as leis em vigor. Art 2º O exercício da profissão de bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido: a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas; b) aos bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente (BRASIL, 1962).

Estas determinações se deram devido à exigência de registro dos diplomas de Biblioteconomia na Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura.

O Currículo Mínimo de 1982, por sua vez, foi regulamentado através da Resolução N.08/82 do Conselho Federal de Educação que fixa os conteúdos básicos e duração do curso de Biblioteconomia.

No Quadro 1, podemos verificar as equivalências das disciplinas do Currículo Mínimo de 1962 para o de 1982:

Quadro 1 - Equivalência entre matérias do Currículo Mínimo - 1962 e Currículo Mínimo - 1982	
Currículo Mínimo de 1962	Currículo Mínimo de 1982
	<i>Matérias de Formação Geral:</i> 1. Comunicação;

1.Introdução aos estudos históricos e sociais;	2.Aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil contemporâneo;
2.História da arte; 3.Evolução do pensamento filosófico e científico; 4.História da literatura;	3.História da Cultura;
	Matérias Instrumentais: 4.Lógica; 5.Língua portuguesa e literatura da língua portuguesa; 6.Língua estrangeira moderna; 7.Métodos e técnicas de pesquisa;
5.Documentação;	Matérias de Formação Profissional: 8.Informação aplicada à Biblioteconomia;
6.Histórias dos livros e das bibliotecas;	9.Produção dos registros do conhecimento;
	10.Formação e desenvolvimento de coleções;
7.Catalogação e classificação;	11.Controle bibliográfico dos registros do conhecimento;
8.Bibliografia e referência;	12.Disseminação da informação;
9.Organização e administração de bibliotecas.	13.Administração de bibliotecas.

Fonte: Mueller (1988).

Observa-se que do currículo de 1962 para o de 1982, as Matérias de Formação Geral, História da arte, Evolução do pensamento filosófico e científico e História da literatura foram englobadas em um único conjunto denominado História da Cultura. Além disso, nota-se a inserção de conteúdos instrumentais ligados a lógica, linguagem e métodos, favorecendo, assim, um crescimento na ênfase instrumental em detrimento do viés humanístico da formação.

Com essa padronização dos conteúdos, e levando-se em consideração os acréscimos feitos ao Currículo Mínimo de 1962 em 1982, surgiu entre os acadêmicos, descontentamentos com a quantidade de disciplinas e com o caráter, ora muito técnico e ora demasiadamente humanístico dos conteúdos estabelecidos (SOUZA, 1990).

Em 2001, o Ministério da Educação (MEC) deu certa autonomia às instituições de ensino superior. A partir de então, as Diretrizes Curriculares para o curso de Biblioteconomia tornaram-se mais flexíveis e foram caracterizadas pela ênfase ao desenvolvimento de competências e habilidades aos egressos dos cursos no Brasil.

A preocupação com a matriz curricular, somada à busca da equalização entre humanismos e tecnicismos, permitiram que, a partir do citado ano, cada instituição pudesse formular o seu próprio projeto pedagógico de acordo com os critérios que considerassem mais relevantes às realidades regionais e institucionais.

Mesmo considerando todo o cuidado despendido na elaboração, formação e aplicação da grade de ensino, de tempos em tempos as instituições necessitam rever seus currículos, ainda mais quando consideramos o quadro atual, o ambiente inovador, desafiador e incomensuravelmente mutável, com alterações disponíveis para serem exploradas no ambiente digital. No universo das informações trabalhadas em ambientes de redes digitais, por exemplo, a tenção se volta também para cada “click” do *mouse*, para cada navegação no *browser* e para cada troca de página eletrônica.

O ambiente digital exige uma dinâmica heteromorfa quando da busca pela informação, e isomorfa a partir do momento em que o usuário decide os parâmetros de sua linha de busca, de sua pesquisa. E o profissional da informação precisa ter as condições não apenas técnicas, mas também humanistas, também subjetivas, de satisfazer a essa demanda, mantendo a eficiência na oferta de seus préstimos, respeitando e propagando tecnicismos necessários, ao mesmo tempo em que não deve perder de vista o fato de que sua interação é com outro ser humano, com dúvidas, dilemas e experiências de vida diversas.

Assim sendo, as instituições precisam adaptar-se para a realidade, para a demanda atual do serviço a ser prestado pelo bibliotecário (conhecido também como profissional da informação). Segundo o Conselho Federal de Biblioteconomia, o Brasil possui em 2021 trinta e sete cursos de Biblioteconomia.

3 Aldo Barreto e seus assuntos



(Fonte:Google Imagens)

Aldo de Albuquerque Barreto foi Pesquisador Sênior do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e pesquisador titular do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), onde ajudou a implantar, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o primeiro Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil, o qual foi coordenador por quase duas décadas. Trabalhava principalmente com três linhas de investigação:

- Estrutura e fluxo da informação;
- Representação, gestão;
- Tecnologia da informação.

Tais definições, embora constem nos canais oficiais e sejam termos utilizados de maneira ampla por estudantes, pesquisadores e escritores acadêmicos quando se trata de descrever, mencionar, explicar ou mesmo citar a ampla obra deixada por Barreto, são, em geral, incompreendidos em sua totalidade.

Diante disso, pretendemos esclarecer, ainda que de forma preliminar, a compreensão dos conceitos usados pelo pesquisador e seus contextos. Utilizou-se principalmente os textos do professor Aldo Barreto, que, ao longo da vida acadêmica desenvolveu a ideia de uma “Indústria de Produção do Conhecimento” como consequência dos avanços tecnológicos das últimas décadas, que modificaram a maneira como classificamos, selecionamos e produzimos informação e conhecimento.

Antes de mais nada, gostaríamos de abordar as contribuições do professor Aldo Barreto enquanto pesquisador. Até seu falecimento, em fevereiro de 2018, o professor Aldo Barreto foi um dos pioneiros na construção da Ciência de Informação brasileira. Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) por seis anos, fundou o periódico científico DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, publicado entre os anos de 1999 e 2015, e participou ativamente da construção do livro Sociedade da Informação no Brasil - Livro Verde, publicado no ano de 2000. Integrou ainda o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), ao passo que atuava nas esferas de ensino, pesquisa e administração da pesquisa, notadamente, como citado acima, a frente da coordenação da Pós-Graduação do IBICT e como pesquisador sênior vitalício do CNPq (único em sua área de conhecimento). Mesmo aposentado, integrava o corpo de professores da UNAMA - Universidade da Amazônia, em Belém e do PPGCI/IBICT/UFRJ.

3.1 Inicialmente um economista



(Fonte: Google Imagens)

Nascido em 1941, na cidade do Rio de Janeiro, ainda capital federal, Aldo de Albuquerque Barreto cresceu em um contexto afeito aos valores tradicionais de estabilidade econômica e hierarquia rígida, que sofria influências globais de períodos pós-guerras e crises econômicas.

Essa realidade manifestou-se expressamente durante o período imediatamente posterior à sua graduação, no ano de 1968, quando se deu conta que apenas com sua formação acadêmica não teria segurança no mercado de trabalho. Recém-egresso da Faculdade de Economia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, descobriu que “a necessidade do Brasil para esta especialidade [economia] era, na época, algo como 50 profissionais” (BARRETO, 2016, p. 1). Assim, Barreto partiu para Londres, “unindo a necessidade ao sonho”.

Tal experiência cosmopolita manifestou-se posteriormente em toda a sua obra. Na década de 1960, Londres era um dos centros do mundo, juntando intelectualidade, diversão, agitação e todo um “burburinho” de ideias, tendências e expressões culturais diretamente responsáveis pelo mundo como o conhecemos hoje.

Em busca de uma especialização que se adequasse ao tempo e às condições que dispunha para permanecer no velho continente, o futuro pesquisador de informação, descobriu um curso que, conforme suas palavras, era

[...] oferecido no centro de Londres, pela The City University, antes o Northampton College da Universidade de Londres, especializado em engenharia de aviões supersônicos, foguetes etc... Era, então, 1968 não se sabia muito bem o que era ciência da informação no mundo todo. Pensei ser um ramo da comunicação social, coisa muito em moda depois da segunda guerra. Fiz uma aplicação pedindo para fazer o curso de mestrado e fui ter

uma entrevista com Jason Farradane, o seu coordenador. Farradane viu que eu não sabia muito do que se tratava, mas se encantou em ter um economista como aluno pagante e me aceitou e foi meu orientador, com a condição de que minha dissertação final fosse sobre ciência da informação e economia (BARRETO, 2016, p. 1).

E a partir daí orientado por Jason Farradane, um dos criadores do *Institute for Information Scientists*, e um dos nomes mais importantes naquela emergente área sobre a qual ele “*não sabia muito do que se tratava*”, o economista Aldo Barreto deu lugar ao pesquisador Aldo Barreto, iniciando uma prolífica carreira em que a docência, pesquisa acadêmica e assessoria na área de Ciência da Informação se estenderam por mais três décadas.

3.2 Algumas abordagens em diálogo com a área da informação (Aldo Barreto e a CI)

Publicado em 1982, “A Estrutura da Comunicação Científica a Comunidade de Química” é um modelo estrutural dos trabalhos que foram desenvolvidos nas décadas subsequentes. Nele, Barreto já demonstra a preocupação em “identificar canais brasileiros de comunicação científica” e “estabelecer esquema de classificação dos canais de comunicação, de acordo com metodologia já desenvolvida”, e no qual procura determinar a existência de um “modelo genérico” para financiar tais canais. (BARRETO, 1982, p. 74). Aqui, o autor analisa como a Ciência da Informação contribui para a formação de consenso entre as várias áreas de desenvolvimento científico, considerando os canais utilizados e as variáveis do processo de transferência do conhecimento, uma preocupação sempre presente nos escritos posteriores.

Em que pese a dificuldade do levantamento de dados, o trabalho foi elaborado e publicado bem antes do nascimento da *World Wide Web*, e as conclusões apontavam para a necessidade de literatura especializada no Brasil, visando facilitar as tarefas de nossos estudiosos, que dependiam, a todo instante, de bibliografias de origem estrangeira.

No trabalho seguinte, de 1984, “O Comportamento dos Custos em Serviços de Informação”, já surge a abordagem “econômica” dos processos de operação com informações. Lembremos que o autor é, por formação, economista, e seu viés de interpretação segue, ao menos no princípio, essa aproximação quase que utilitarista, concedendo um papel relevante ao contexto financeiro no processamento da informação:

Da mesma forma, a capacidade de produção de um sistema de informação nunca foi definida ou devidamente estudada ainda que, tal conceito represente uma importante variável na análise do processo de produção. Pode-se supor, em um primeiro exame, que o conceito de capacidade deverá ser diferente para cada sistema de informação dependendo do(s) serviço(s)

que o sistema oferece. Para uma biblioteca, por exemplo, os parâmetros de capacidade podem incluir a localização física, o equipamento fixo e o tamanho da coleção. Para um sistema fornecendo, unicamente, serviços de busca retrospectiva, a capacidade poderia ser delimitada pelo 'volume de entrada' (tamanho da base de dados) e equipamentos disponíveis. Para sistemas de disseminação seletiva da informação — SDI, a 'taxa de entrada' (número de itens adicionados em determinados períodos de tempo) e as facilidades de equipamentos podem definir a capacidade (BARRETO, 1984, p. 130).

Durante os anos finais da década de 1980, até a produção do texto sobre formação de recursos humanos – em que pese, neste, alusões e paradigmas econômicos em sua maioria – ainda vemos um autor utilizando os conceitos de Economia nos escritos sobre Ciência da Informação. Em 1987 lemos que:

Foram compilados 29 artigos sobre diferentes aspectos do comportamento dos custos em sistemas de informação divididos em cinco seções: 1) Custos na biblioteca e em serviços de informação -contexto e conceitos; 2) Investigação e medidas do sistema; 3) Considerações básicas sobre o custo de serviços; 4) Aplicações práticas e estudos de caso; 5) Gerenciamento econômico. (...) A edição de S. A. Roberts apresenta os artigos básicos da literatura de custos e de economia de bibliotecas e serviços de informação. Livro indispensável para todo aquele que pretende se iniciar ou se aprofundar no estudo de custo/economia de sistemas e serviços de informação (BARRETO, 1987, p. 105).

Em 1990, ainda com a preocupação infra estrutural (mantendo principalmente o viés econômico e pragmático) da criação de condições de trabalho no Brasil para os cientistas da informação, publicou, em conjunto com dois outros colaboradores (Gilda Maria Braga e Hélio Kuramoto)⁴, um esboço de como deveria ser um Laboratório de Tecnologia da Informação. Depreende-se que utilizou modelos já existentes e operativos no exterior, uma vez que detalha acuradamente os sistemas de informação existentes, e já existe aí uma preocupação com a vantagem estratégica do sistema:

Mais recentemente informação é considerada "arma estratégica", e informação/tecnologia da informação é "vantagem para competição" (competitive advantage). Há, comprovadamente, forte correlação positiva entre tecnologia da informação e produtividade - base fundamental da competitividade entre os países desenvolvidos. A percepção dessa correlação provocou profundas mudanças sociais no Japão, Estados Unidos, França e

⁴ Gilda Maria Braga Bibliotecária, doutora em Ciência da Informação pela School of Library and Information Sciences, Case Western Reserve University, Estados Unidos. Pesquisadora-titular do CNPq/IBICT, professora do Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e chefe do Laboratório de Tecnologia da Informação do IBICT, e Hélio Kuramoto Engenheiro eletricitista, especialista em Informática, chefe do Departamento de Tecnologias da Informação do IBICT.

Inglaterra, por exemplo, como pode ser constatado pela vastíssima documentação sobre o assunto, tais como os relatórios Nora-Minc e Beesley.

Aqui, Barreto descreve a falta de recursos do Departamento de Pesquisa, relata a infraestrutura necessária para atender às suas demandas e descreve detalhadamente aquilo que, à época, seria o suficiente ao desempenho das funções, detalhando o porquê das especificações determinadas:

Os microcomputadores de 16 bits compatíveis com IBM-PC, sistema operacional MS-DOS, têm proporcionado, a um baixo custo, capacidade de processamento local através do uso de processadores de textos, planilhas eletrônicas, softwares de cálculos estatísticos, gerenciadores de bancos de dados entre outras aplicações. Em consequência disto, estes equipamentos têm sido bastante utilizados em laboratórios de computação, de forma a possibilitar a uma comunidade maior de usuários o desenvolvimento de protótipos e pesquisas, além de proporcionar um treinamento mais adequado e autônomo, dado que estes equipamentos ficam totalmente dedicados ao ensino. Estes microcomputadores podem se interconectar através de uma rede local viabilizando o uso compartilhado e racional dos recursos de hardware, tais como impressoras, áreas de armazenamentos, canais de comunicação etc. (BARRETO, et al., 1990, p. 180).

Essas descrições técnicas vêm acompanhadas de uma lista de equipamentos a serem adquiridos, com a devida descrição de cada um, suas características e desempenho. Mesmo já pensando a Ciência de Informação como área “estratégica”, ainda há, sobretudo, a conotação econômica, em detrimento da avaliação epistêmica, que, embora subjacente, não tem destaque em primeiro plano. Os trabalhos iniciais apontam relatórios mais burocráticos que analíticos.

Somente em 1992, com o relatório “Informação e Transferência de Tecnologia: mecanismos e absorção de novas tecnologias”, iniciou-se uma abordagem envolvendo os “quatro momentos do processo de inovação tecnológica”, o que demonstra o início de uma preocupação metodológica em detrimento da anterior abordagem econômica. Inspirado por Husserl e Habermas, o autor diz claramente que “na esfera social e da cultura que devem ser conjuntamente fixados os destinos da sociedade, através do questionamento e da revalidação dos valores e das normas vigentes no mundo vivido” (BARRETO, 1992, p. 22).

No momento inicial, ou antecedentes contextuais, explicita a formação econômica, social e política do Brasil, responsável pelas inadequações estruturais, sendo tal formação dominada pela vontade das elites, inflexível na manutenção do *status quo* e por isso mesmo impermeável a novas ideias, que devido disparidade de renda, níveis de industrialização, participação política, urbanização e educação da maior parte da sociedade, não sofreu, até então, pressão suficiente para alterar seus objetivos e idiosincrasias.

Relacionou, em seguida, o que chamou de “mecanismos facilitadores” e mecanismos inibidores” do chamado *segundo momento*, o de absorção ou adoção de tecnologia, discorrendo sobre cada um deles.

Mecanismos facilitadores:

- Infraestrutura educacional adequada em todos os níveis;
- Infraestrutura operacional de engenharia em todos os níveis;
- Infraestrutura informacional adequada;
- Continuidade dos planos e programas tecnológicos;
- Infraestrutura de comunicação;
- Existência de tecnologias coadjuvantes;
- Competência para gerenciar inovações;
- Cosmopolitismo tecnológico;
- Treinamento específico na tecnologia nova;
- Vontade política coincidindo com vontade econômica em todos os níveis.

Utilizando dados estatísticos oficiais, Barreto afirma que:

O sistema educacional no Brasil enfrenta dificuldades estruturais do 1º grau à universidade. A educação formal não parece ser capaz de resolver os problemas do indivíduo, enquanto estudante, nem no mercado de trabalho. Parece não existir uma visão prática do estudante sobre a educação formal como um instrumental para a sua vida futura. O mercado de trabalho, frequentemente, aponta a baixa qualidade da força de trabalho que deixa a escola ou a universidade. Apresentado como um mecanismo facilitador, a infraestrutura educacional, a julgar pelos dados apresentados, caracteriza-se, no Brasil, como um elemento inibidor no processo de assimilação de novas tecnologias (BARRETO, 1992, p.18).

Essa preocupação com o nível educacional e de pesquisa no país irá pautar suas produções ulteriores. Ainda neste trabalho, ao mencionar outro dos mecanismos facilitadores, critica a infraestrutura de comunicação, que, a seu ver, não possibilita por si só a aquisição de conhecimento.

A comunicação de informação tecnológica no Brasil apresenta problemas tanto no trabalho de extensão tecnológica, quanto na transferência de novas ideias. Estes problemas parecem estar localizados na forma e no conteúdo da mensagem, ou seja, em termos do canal de comunicação e na linguagem utilizada entre o gerador da informação e o receptor. As dificuldades relacionadas ao canal de comunicação estão ligadas à credibilidade do canal e à sua pertinência ao tipo de informação a ser transferida. Os serviços de extensão tecnológica, apesar dos esforços metodológicos empregados, têm

encontrado barreiras à recepção da informação devido à credibilidade do canal de comunicação e à forma com que são apresentados os produtos de informação dos núcleos tecnológicos (IBICT, 1992, p. 32).

Quanto aos mecanismos inibidores elencados pelo autor (setorialização socioeconômica, canais de informação formal, relação gerador-receptor da tecnologia nova, estrutura de poder na tecnologia substituída e legislação estatal específica), cumpre chamar a atenção para essa última, que, culminando com o que chamou de “vontade política”, faz-se absolutamente indispensável para a viabilização de qualquer projeto no país, seja em que âmbito for:

Qualquer projeto, portanto, do mais simples ao mais complexo, independentemente de seu grau de importância, necessita fazer coincidir uma vontade política com uma vontade econômica. Se um professor de escola municipal deseja imprimir uma nova apostila de Português, necessariamente vai ter que solicitar a aquiescência do diretor da escola e do chefe do setor de orçamento e finanças para realizar seu intento. A adoção de tecnologia, mais que qualquer projeto, necessita, para sua viabilização, da coincidência dessas duas vontades. É, geralmente, um projeto que se baseia em uma ideia nova que, por si só, já pode ser temerária e envolver altos custos, cujo retorno pode não se verificar a curto ou em médio prazo (IBICT, 1992, p. 36).

Nesse momento, o autor assume que o processo de inovação precisa de várias competências, e a principal delas é o que chamou de “massa de recursos humanos”, ao mesmo tempo em que critica o atraso histórico do país, ao expor que, na época da publicação do texto, “80% da força de trabalho no Brasil não possuem o primeiro grau de escolaridade completo” (BARRETO, 1992), e chama a atenção para o fato de que a inovação tecnológica depende do homem e de sua vontade, malgrado necessite de capital tanto político quanto financeiro.

A vida acadêmica de Aldo Barreto denota o seu pioneirismo e a influência exercida por ele sobre a Ciência da Informação.

4 A presença de Aldo Barreto nos cursos de Biblioteconomia do Brasil

Nesta sessão, apresentamos a análise e os resultados de uma busca que procurou identificar a presença geográfica e temática de Aldo Barreto no ensino dos cursos de Biblioteconomia no Brasil.

Por meio de uma busca on-line nos sites dos Cursos de Graduação em Biblioteconomia (identificados pelo Conselho Federal de Biblioteconomia), realizada no mês

de abril de 2021, procurou-se acessar Projetos Pedagógicos e ementas de disciplinas dos cursos, dividindo-os pelas regiões do Brasil.

Destacamos certo grau de dificuldade no acesso ao Projeto Pedagógico de alguns cursos, bem como no acesso a ementas de disciplinas. Observou-se que nem todos os projetos pedagógicos apresentam as ementas disciplinares que fazem parte das grades curriculares dos cursos. A dificuldade em acessar tais informações de interesse público gera especial preocupação ao se tratar de cursos de Biblioteconomia, que em tese zelam pela organização, recuperação e circulação da informação. A falta de detalhes nos websites dos cursos, como datas de início do curso, referências sobre a grade curricular e contato com os responsáveis, dificulta a realização de pesquisas desta natureza. Entendemos que o ambiente virtual deva investir em estrutura informacional nítida e acessível.

O principal critério de exclusão/inclusão utilizado na escolha dos cursos de Biblioteconomia do país para esta pesquisa, se deu realmente devido a consulta precisar ser feita de forma online onde procurou-se os cursos com mais informações disponíveis em seus ambientes virtuais.

O Quadro 2 apresenta uma análise geográfica que pretendeu mapear, nas regiões do Brasil, a utilização de textos de Aldo Barreto nos cursos de graduação em Biblioteconomia. Para tanto, de acordo com a possibilidade de acesso aos Projetos Pedagógicos e/ou ementas de disciplinas, selecionamos dois cursos de cada região brasileira (norte, sul, centro-oeste, nordeste e sudeste), de modo a verificar a abrangência da presença de Aldo Barreto nos cursos de Biblioteconomia em contexto nacional.

Quadro 2 – Análise geográfica em universidades do país, nível graduação em Biblioteconomia no país.				
R e g i ã o	Universidade	Disciplina/Projeto Pedagógico	Ementa	Texto utilizado do Aldo de Albuquerque Barreto
N O R	UNIR – Universidade Federal de Rondônia	Introdução a Ciência da Informação	Teoria geral de sistema. Teoria da Informação. Fundamentos teóricos de aspectos que interferem na produção, comunicação e absorção da ciência, tecnologia, cultura e arte, no seu conceito mais amplo e em áreas específicas de atuação (centros de informação e cultura). A sociedade de informação e o processo de automação em museus, bibliotecas e arquivos: impactos e novas estruturas.	BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. São Paulo em Perspectiva , v. 8, n. 4, p. 3-8, out/dez. 1994. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf . Acesso em: 25 mar. 2021.

T E	UFPA Universidade Federal do Pará	-	--	--	
S U L	UFSC Universidade Federal de Santa Catarina	-	Serviços de Informação	Trata das redes e sistemas de informação nacionais e internacionais e dos produtos e dos serviços de disseminação da informação	BARRETO, A. Os destinos da Ciência da Informação: entre o cristal e a chama. Informação & Sociedade : Estudos, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 371-382, jul./dez.1999.
		-	Bibliometria	Teoria e prática dos estudos métricos desde a sua origem e seus principais representantes no âmbito nacional e internacional. Utilização de instrumentos quantitativos de análise de dados para avaliação de conteúdos documentais: aplicação como instrumento de gestão e valorização do acervo documental.	BARRETO, A. B.; MIRANDA, A. Pesquisa em ciência da informação no Brasil: síntese e perspectiva. DataGramaZero : Revista da Ciência da Informação. v.1, n.6, dez/2000. BARRETO, Aldo de A. Uma quase história da ciência da informação. DataGramaZero : Revista de Ciência da Informação, v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/162 . Acesso em: 27 abr. 2021.
		-	Políticas de Informação	Indivíduo e seu ambiente sócio-cultural-econômico. Informação e construção da cidadania. Direito de uso, produção e acesso à informação. Políticas nacionais e internacionais para arquivos. Direito autoral. Legislação arquivística. Órgãos de fomentos públicos e privados. Chamadas e editais.	BARRETO, A. de A. Políticas Nacionais de Informações: discurso ou ação. DataGamaZero : Revista da Ciência da Informação. v. 4, n. 2, abr. 2003.
	-	Prática de Gestão	Prática dos conceitos de gestão associados às unidades de informação.	BARRETO, A. Gestão de Unidades de informação : manual, Brasília, IBICT, 1997.	
	UFPR Universidade Federal do Paraná	-	Tópicos Especiais em Ciência da Informação	Estudo de temas selecionados da área de Ciência da Informação	BARRETO, A. A. As tecnoutopias do saber: redes interligando o conhecimento. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, 2005.
C E N T R O - O E S T E	UFG Universidade Federal de Goiás	-	--	--	--
	UnB Universidade de Brasília	-	--	--	--
	UFCA Universidade Federal do Cariri	-	Introdução à Biblioteconomia	Introduzir o estudo da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, enfocando seus conceitos básicos, ressaltando a importância da biblioteca e das unidades de informação como instituições culturais e de serviços de transferência da informação e do bibliotecário como agente social da mudança, analisando a profissão	BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação e o poder. Informativo IBICT , Brasília. v.12, n.3, maio/jun. 1992.

N O R D E S T E			dentro do contexto brasileiro.	
	UFAL – Universidade Federal de Alagoas	No Objetivo Geral do Projeto Pedagógico do Curso	<p>Formar profissionais competentes para atuarem de forma crítica e inovadora no ciclo informacional, por meio dos espaços multirreferenciais de informação presentes na sociedade. Nesse sentido, o(a) bibliotecário(a) tem consolidado como campo de atuação todo o sistema educacional e cultural, que compreende arquivos, bibliotecas, instituições de ensino, institutos de pesquisa, museus e universidades, além de outros espaços emergentes, tais como empresas de prestação de serviços; entidades de apoio a empresas, indústrias e comércios; indústrias de pequeno, médio e grande porte; e organizações de classe, entre outras. A formação profissional considera, portanto, que a atuação do(a) bibliotecário(a) ultrapassa as barreiras do suporte tradicional da informação, o papel, e de formas de acesso local, a biblioteca, arquivo e museu. Assim, busca-se a formação de um(uma) profissional capaz de atuar em novos contextos como técnico(a), administrador(a), consultor(a), educador(a), 21 estrategista e mediador(a), potencialmente habilitado(a) a contribuir com o desenvolvimento regional em toda a sua extensão.</p> <p>A institucionalização desse campo híbrido da Biblioteconomia e Ciência da Informação tem, em última análise, sua base nos registros culturais, em diferentes suportes, também denominados de documentos, que incorporam dimensões simultâneas da informação, do conhecimento e da prova (SMIT; BARRETO, 2002).</p>	SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Coord.) Formação do profissional da informação . São Paulo: polis 2002. p. 09-23.
	UFRJ – Universidade do Rio de Janeiro	Referências do Projeto Pedagógico do Curso	--	SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de A. A Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM (Org.). Formação do profissional da informação . São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.
		Introdução à Ciência da Informação	<p>Considerando a Ciência da Informação como universo teórico-metodológico em cujo âmbito se desenvolvem distintas atuações profissionais, como a da Arquivologia e da Biblioteconomia, discutem-se os aspectos conceituais, históricos, e procedimentais que caracterizam esse campo científico, assim como seus diálogos interdisciplinares, com ênfase específica na atuação profissional de arquivistas e bibliotecários.</p>	SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Coord.) Formação do profissional da informação . São Paulo: polis 2002. P. 09-23.
			BARRETO, A. A. Agregados de informação: memórias, esquecimento e estoques de informação. DataGramZero : Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, jun. 2000.	

S U D E S T E	UNESP Universidade Estadual Paulista	Comunicação	Comunicação, cultura e sociedade. Meios de comunicação. As teorias da comunicação. Processo de comunicação, modalidades da mensagem, natureza dos veículos de comunicação. Comunicação e suas relações interdisciplinares. Comunicação e Ciência da Informação.	Disponível: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/3777 . Acesso em: 25 mar. 2021. BARRETO, A. A. A informação em seus momentos de passagem. DataGramZero : Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/171 . Acesso em: 25 mar. 2021. BARRETO, A. A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. Ciência da Informação , Brasília, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998.
		Metodologia Científica	Conhecimento dos principais métodos e técnicas de pesquisa. Formulação do projeto de pesquisa.	SMIT, J. W.; BARRETO, A. de A. Ciência da informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). Formação do profissional da informação . São Paulo: Polis, 2002. p.9- 23.

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Como pode ser observado no Quadro 2, verificamos, com base na amostragem da presente pesquisa, que, com exceção à região centro-oeste, todas as demais regiões do Brasil utilizam em seus cursos de graduação textos do professor Aldo Barreto. Por meio da análise dos Projetos Pedagógicos e/ou das próprias ementas das disciplinas encontramos textos de Aldo Barreto em disciplinas dos cursos da: UNIR, UFSC, UFPR, UFCA, UFAL, UFRJ e UNESP. Dos dez cursos investigados, apenas três não fazem uso de alguma bibliografia do professor Aldo Barreto em suas referências, o que nos permite afirmar que os conhecimentos produzidos pelo pesquisador estão, nesta amostragem, presentes em 70% dos cursos de Biblioteconomia do Brasil.

Uma vez verificada a presença geográfica de Aldo Barreto nos cursos de Biblioteconomia em território nacional, procuramos verificar também a cobertura temática relacionada ao professor, ou seja, relacionamos os temas das disciplinas com os respectivos textos de Aldo Barreto. Além disso, apenas para que possamos ter uma ideia preliminar de possíveis interlocuções de Barreto com outros autores, registramos também os demais autores que constam das referências de cada disciplina, conforme pode ser verificado no Quadro 3:

Quadro 3 - Análise temática em universidades de graduação em Biblioteconomia no país.		
Temática	Texto do Aldo de A. Barreto	Outros Autores ligados à Temática
Introdução à Ciência da Informação	BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. São Paulo em Perspectiva , v. 8, n. 4, p.3-8, out/dez. 1994. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf . Acesso em 24 abr. 2021.	BURKE, Peter; CAPURRO, Rafael. & HJORLAND, Birger; GONZALEZ DE GOMEZ, M. Nelida; GUINCHAT, C. & MENOUE M.; LE COADIC,

		Yves-Francois; McGARRY, Kevin.
Introdução à Ciência da Informação	SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Coord.) Formação do profissional da informação . São Paulo: polis 2002. P. 09-23.	BRITO, D. J.; CAMARGO, A. M. A.; BELLOTTO, H. L.; FERNANDES, G. C.; FONSECA, M. O.; GOMES, H. F.; LE COADIC, Y. F.; LOPES, L. C.; PINHEIRO, L. V. R.; ROBREDO, J.; SARACEVIC, T.; SILVA, A. M.; SMIT, J. W.; VALENTIM, M. L. P.; BUCKLAND, M. K.; BUSH, V.; JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O.
Serviços de Informação	BARRETO, A. Os destinos da Ciência da Informação: entre o cristal e a chama. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 371-382, jul./dez.1999.	BARROS, M. H. C.; CARVALHO, K. M. C.; C. C.; SILVA, A. F. S.; GUINCHAT, C.; MENOU, M.; LANCASTER, F. W.; LARA, M. L. G.; CONTI, V. L.; MACEDO, T. M. B.; MARCHIORI, P. Z.; MARCONDES, C. H.; MARTINEZ, A. M. E.; SIMÃO, J. B.; RODRIGUES, G.; VALLS, V. M.; VERGUEIRO, W. C. S.
Bibliometria	MIRANDA, A. B.; BARRETO, A. A. Pesquisa em ciência da informação no brasil: síntese e perspectiva. DataGramaZero , v. 1, n. 6, 2000. Disponível em: < http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4607 >. Acesso em: 28 abr. 2021. BARRETO, Aldo de A. Uma quase história da ciência da informação. DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação , v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/162 . Acesso em: 27 abr. 2021.	ALVARADO, R. U.; BUFREM, Leilah Santiago; ALENCAR, Maria Cleofas Faggion; CHAVIANO, Orlando G; GORBEA PORTAL, Salvador; GUSMÃO, Regina; KONDO, E. K.; MACIAS-CHAPULA, C. A.; MENECHINI, Rogério; MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo Martino; QUONIAM, Luc Marie; PACKER, A. L.; PINTO, A. L.; EFRAIN-GARCIA, P.; RODRIGUEZ-BARQUIM, B. A.; MOREIRO GONZALEZ, J.; PINTO, A. L.; IGAMI, M.P.Z.; BRESSIANI, J.C.; POBLACIÓN, Dinah Aguiar; NORONHA, Daisy Pires; PRAT, A.M.; SANTOS, R. N. M.; SPINAK, E.; STREHT, L.; SANTOS, C. A. dos.; TRZESNIAK, P.; VANTI, Nadia; VELHO, Léa M. Leme Strini; WHITE, Howard D.; MCCAIN, Katherine W.
Políticas de Informação	BARRETO, A. de A. Políticas Nacionais de Informações: discurso ou ação . DataGamaZero: Revista da Ciência da Informação . v. 4, n. 2, abr. 2003.	ALMINO, João; FERREIRA, Fernando Nicolau Freitas; ARAÚJO, Márcio Tadeu de; DUCHEIN, Michel; JARDIM, José Maria; LE COADIC, Aves; LEVY, Pierre; MARTÍNEZ COMECHE, Juan Antonio; MATTAR, Eliana; VIRILIO, Paul; AUN, M. P.; BRAMAN, S.; CEPIK, Marco A.; OLIVEIRA, Elke R.; CÔRTEZ, Maria Regina Persechini Armond; COSTA, Célia Maria Leite; FRAIZ, Priscila Moraes Varella; DOMINGUEZ LUIS, José Antonio; FONSECA, Maria Odila; FROHMANN, B.; GUIMARÃES E SILVA, Júnia; GOMES, Sandra Lúcia Rebel; GONTIJO, M.; GONZALES DE GÓMEZ, M. N. de.; JAMBEIRO, O.; BORGES, J.; SOBREIRA, R. V.; JARDIM, José

		Maria; MARCONDES, Carlos Henrique; MCCLURE, C. R.; JAEGER, P. T.; MUELLER, M.; LENTZ, B.; OLIVEIRA, Eliane Braga de; ORNA, E.; OVERDEVEST, C.; PEREIRA NETO, Claudite; PESSERL, Alexandre Ricardo; SENRA, N. de C.; SILVA, Guilherme Coutinho; SOUZA, Renato Tarcísio Barbosa de; VILLAVERDE MENÉNDEZ, Ignácio.
Prática de Gestão	BARRETO, A. Gestão de Unidades de informação : manual, Brasília, IBICT, 1997.	BATESON, J.; CORREA, H. L.; CAON, M.; DRUKER, P.; GEUS, A.; HARRINGTON, H. J.; HRONEC, S.; MARTIN, J. A.; SILVEIRA, A.; SLACK, N.; TACHIZAWA, T.
Tópicos Especiais em Ciência da Informação	BARRETO, A. A. As tecnoutopias do saber: redes interligando o conhecimento. DataGramaZero , Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, 2005.	TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M.
Introdução à Biblioteconomia	BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação e o poder. Informativo IBICT , Brasília. v.12, n.3, maio/jun. 1992.	BRANDÃO, Nagete Habli; CAVALCANTI, C.R.; CYSNE, Fátima Portela; MCGARRY, K.J.; MILANESI, Luis.; MORAES, R.B.; SHERA, Jesse H; SMIT, Joahanna; BRADFORD, S.C.; BUTLER, Pierce; SOUSA, Francisco das Chagas; VARGAS, Maria.
Comunicação	BARRETO, A. A. Agregados de informação: memórias, esquecimento e estoques de informação. DataGramaZero : Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, jun. 2000. Disponível: https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/3777 . Acesso em: 25 mar. 2021. BARRETO, A. A. A informação em seus momentos de passagem. DataGramaZero : Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/171 . Acesso em: 25 mar. 2021. BARRETO, A. A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. Ciência da Informação , Brasília, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998.	BORDENAVE, J. E. D.; COELHO NETTO, J. T.; MATTELART, A.; MATTELART, M.; THOMPSON, J. B.; ADORNO, T.; BERLO, D.K.; BOURDIEU, P.; COELHO NETTO, J. T.; DUPAS, G.; ECO, U.; GOMES, H. F.; GUARESCHI, P.; HARVEY, D.; JACKS, N.; LAGE, N.; LASTRES, H. M.M.; LÉVY, P.; LOJKINE, J.; MARTIN-BARBERO, J.; MARTINO, L. M. S.; MATTELART, A.; MCGARRY, K.; MIÈGE, B.; MILANESI, L.A.; MUELLER, M.; PIGNATARI, D.; PINTO, V. N.
Metodologia Científica	SMIT, J. W.; BARRETO, A. de A. Ciência da informação: base conceitual para a formação profissional . In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). Formação do profissional da informação . São Paulo: Polis, 2002. p.9- 23.	DEMO, P.; FRÍAS, J. A.; RÍOS HILARIO, A. B.; GIL, A. C.; GRANGER, G. G.; MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.; MEADOWS, A. J.; RICHARDSON, R. J.; SANTOS, B. S.; VALENTIM, M. L. P.; BARDIN, L.; BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S.; BRAGA, G. M.; CHIZZOTTI, A.; DANNA, M. F.; MATOS, M. A.; DEMO, P.; JANISSEK, R.; FREITAS, H.; MOSCAROLA, J.; HAGUETTE, T. M. F.; HILL, A.; HILL, M. M.; KAPLAN, A.; KÖCHE, J. C.; KRUL, A.; RHODEN, A.; POYER, C. N.; KUDE, V. M. M.; LACEY, H.; LAKATOS, I.

		LATOURE, B.; LE COADIC, Y. F.; LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; LEHFELD, N. A. S.; LOPES, M. I. V.; MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.; MARTINELLI, M. L.; MENGA, L.; ANDRÉ, M. E. D. A.; MUELLER, S. P. M.; PASSOS, E. J. L.; NEHMY, R. M. Q.; PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M.; POPPER, K. R.; RAMOS, M. G.; ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C.; RUDIO, F. V.; SILVA, M. O. S.; THIOLENT, M.; VALENTIM, M. L. P.; WYNN, C. M.; WIGGINS, A. W.; YIN, R. K.
No Objetivo Geral do Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia da UFAL	SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Coord.) Formação do profissional da informação . São Paulo: polis 2002. P. 09-23.	—
Referências do Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia da UFRJ	SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de A. A Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM (Org.) Formação do profissional da informação . São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.	—

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Antes de detalhar as aproximações temáticas relacionadas ao professor Aldo Barreto no âmbito dos cursos de Biblioteconomia do Brasil, destacamos que mais de duzentos autores constam nos referenciais teóricos das disciplinas analisadas. Tal fato, obviamente, não permite sugerir interlocuções diretas, pois este não é o mote da presente pesquisa, mas nos permite inferir que em um conjunto tão amplo de autorias consolidadas na área da Biblioteconomia, Aldo Barreto se insere como referente bibliográfico em dez temas de disciplinas e mais dois Projetos Pedagógicos, fato que demonstra a versatilidade de assuntos trabalhados pelo professor Aldo e a característica pluritemática do autor.

Conforme apresentado no Quadro 2, nos cursos investigados, textos de Aldo Barreto são utilizados nas disciplinas de: Comunicação (3 textos), Bibliometria (2 textos), Introdução à Ciência da Informação (2 textos) e, Introdução à Biblioteconomia, Prática de Gestão, Serviços de Informação, Políticas de Informação, Metodologia Científica e Tópicos Especiais em Ciência da Informação (com 1 texto para cada disciplina), totalizando 12 textos distribuídos em 10 disciplinas e 7 cursos. Apenas o texto “*Ciência da Informação: base conceitual para a formação profissional*” figura em mais de uma disciplina. Notamos, assim, uma pluralidade de temas e textos numa pluralidade de disciplinas, desenvolvidas em uma pluralidade de regiões do país.

A título de categorização, poderíamos agrupar as disciplinas que se valem de conhecimentos produzidos por Aldo Barreto da seguinte maneira: disciplinas de cunho

metodológico (Metodologia Científica, Comunicação e Bibliometria); disciplinas de cunho epistemológico (Introdução à Biblioteconomia e Introdução à Ciência da Informação) e; disciplinas de cunho especializado (Serviços de Informação, Políticas de Informação, Prática de Gestão e Tópicos Especiais em Ciência da Informação). Para além das disciplinas, encontramos também referenciais bibliográficos de Aldo Barreto nos Projetos Pedagógicos dos cursos da UFAL e da UFRJ.

Em tempos marcados pela demasiada especialização dos saberes (cada um com sua especialidade), como foram as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI, flagramos em Aldo Barreto uma abrangência temática que dialoga com uma ótica mais macro do campo da informação e da Biblioteconomia, uma ótica que revela uma postura típica de quem se preocupava em compreender sua área de forma transversal e científica. Aldo Barreto torna-se referência para se discutir e lecionar sobre Metodologia Científica, Comunicação e Bibliometria (aspectos metodológicos), Introdução à Biblioteconomia e Introdução à Ciência da Informação (aspectos epistemológicos e históricos) e, Serviços de Informação, Políticas de Informação e Prática de Gestão (aspectos especializados de informação), de fato parece ser consequência da trajetória de uma pessoa que se dedicou a entender e a abordar a Biblioteconomia de forma profunda e ampla.

Tocante aos textos utilizados, destacamos que o tratamento dado aos temas denota acentuada síntese de conceitos e aguda análise da realidade do tema, suas nuances e variações. Mas, apesar da diversidade dos assuntos, foi possível constatar um pano de fundo preponderante, uma urdidura comum, que permitiu identificar nas obras de Barreto uma abordagem central, sob diferentes aspectos, de um fenômeno específico, a “informação” e o “que fazer com a informação”, trabalhado e retrabalhado em suas variáveis, importâncias e influências nos saberes.

5 Considerações Finais

A título de considerações finais, gostaríamos de refletir como o legado de Aldo Barreto pode ser fundamental para nossa área nos dias de hoje.

Os campos informacionais (aqui trabalhados na Biblioteconomia e na Ciência da Informação) sofrem mudanças constantes, trazendo consigo a exigência da constante revisão e redefinição de seus fundamentos, uma vez que se preocupam com a concepção e o uso de sistemas de informação para a mediação de conhecimentos. Nesse quesito, a importância de Aldo Barreto como pesquisador fica visível quando percebemos o escopo de seus estudos, ou

seja, a produção, a organização, a análise e a disseminação da informação, bem como as ferramentas humanas e tecnológicas apropriadas para esses fins.

Interpretar a informação recebida, nas palavras de Barreto, é preciso para que o receptor fique “liberado da intenção do emissor” (BARRETO, 2005), de modo que um mesmo dado poderá ter diferentes significados em diferentes períodos no tempo e para diferentes pessoas. Aqui, sua contribuição para o campo informacional está na *interpretação da informação*, a conexão entre os sujeitos e os sistemas cognitivos. Tal abordagem, típica da área da Comunicação, procura tratar o assunto considerando todas as partes envolvidas no fenômeno informacional. Isso garantiu a Aldo Barreto a concessão, em 2011, em caráter vitalício, do título de Pesquisador Sênior do CNPq na área de Ciência da Informação (GABRIEL JUNIOR, BUFREM, 2020).

A transferência da informação com produção de conhecimento é a maneira de promover o desenvolvimento do indivíduo e de seu hábitat, em seus diferentes níveis de especificidade e complexidade. Contudo, também é condicionada pelo contexto; o conhecimento é variável nos diferentes espaços sociais.

O profissional responsável por tal empreendimento, ao mesmo tempo que não pode perder de vista o fato de que hoje a informação é considerada uma verdadeira *commodity* (GALVÃO, 1999), dada sua relevância na balança comercial de qualquer país, deve tomar para si também a responsabilidade de abordar o fenômeno informação como base de construções culturais, históricas, sociais e de desenvolvimento intelectual para formação educacional e profissional, tendo como pano de fundo o fato de que o acesso ao bem informacional é o ponto de partida para a sobrevivência cidadã. Nesse sentido, as bases formativas dos profissionais de informação, de especial maneira os currículos de Biblioteconomia, precisam ser desenhados de forma ampla e transversal, precisam de visões que transitem tanto entre os assuntos especializados quanto entre os assuntos de cunho histórico-cultural. A versatilidade dos ensinamentos de Aldo Barreto, que versam tanto sobre a indústria da informação e do conhecimento quanto sobre a informação histórica e social da Biblioteconomia e Ciência da Informação, pode propiciar esta visão mais transversal de nossas próprias áreas.

A real alteração que as tecnologias de informação trouxeram são mais intangíveis do que percebemos a princípio: as bases físicas de comunicação em nosso mundo globalizado, apesar de imprescindíveis, não são páreo para a interatividade e interconectividade entre a informação e o público receptor, entre o gerador de conteúdo e o consumidor. A inserção de imagem, som e movimento na estrutura básica da informação permitiu uma aproximação do

que entendemos por “realidade” como nunca vista antes. Contudo, permitiu ao mesmo tempo a modificação dessa mesma realidade, a criação de “mundos virtuais”, sujeitos a regras próprias e não raras vezes muito diferentes do “mundo real”. A quase instantaneidade de transmissão de fatos auxilia e engrandece a vida cotidiana, mas abre espaço para a instantaneidade de transmissão de falácias, desinformações, boatos, “lixo informativo” etc.

Nós, consumidores e produtores de informação, abandonamos nossa posição de expectadores e atuamos diretamente com a produção do conhecimento. Interagimos com documentos online, vídeos, sites, redes sociais. Questionamos, modelamos, reajustamos, rearranjamos os dados, como participantes do sistema. No entanto, muitas vezes falta-nos o arcabouço cognitivo para conhecer o significado da informação que recebemos, para podermos reelaborá-la e reinseri-la no sistema acrescida de nossa vivência, de nossa singularidade. Tal arcabouço, necessário para produzirmos conhecimento, segundo Aldo Barreto (1994, p. 8), deveria emergir de um “ego pensante, sem aprisionamento a doutrinas ou teorias estabelecidas”.

A simbiose entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação poderia ser abordada de diversas maneiras, seja por meio de conceitos, teorias, métodos, discursos e instituições, mas, aqui, optamos em abordá-la por meio da figura de Aldo Barreto. A complexidade que envolve essas duas áreas de informação foi trabalhada de forma transversal pelo professor Aldo Barreto, que, além de trazer e ajudar a desenvolver a Ciência da Informação no país a partir da década de 1970, está presente em pleno século XXI nos mais variados assuntos biblioteconômicos, nas diversas regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Aldo de Albuquerque; BRAGA, Maria Gilda; KURAMOTO, Hélio. Laboratório e Tecnologia da Informação: criação de projeto de infraestrutura. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n.2, 1990.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **Em algum lugar do passado**. 2016. Disponível em: <https://aldobarreto.wordpress.com/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

_____. **A formação de um “Universo Semântico”** 2016. Disponível em: <https://aldobarreto.wordpress.com/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

_____. **A Informação no Mundo da Técnica**. ECO/Publicação da Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1992.

_____. A estrutura da comunicação científica: a comunidade de química. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 73-82, jan. 1982.

_____. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 8, n. 4, p. 3-8, out/dez. 1994. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

_____. O Comportamento dos custos em serviços de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 2, 1984.

_____. Economia e custos em bibliotecas e serviços de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n.1, 1987.

_____. **Informação e transferência de tecnologia: mecanismos e absorção de novas tecnologias**. Brasília: Ibiict, 1992. 64 p.

_____. A estrutura do texto e a transferência da informação. **DataGramaZero Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n 3 jun./2005.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911. Regulamento da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, RJ: **Diário Oficial da União**, 16 jul. 1911. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-republicacao-102224-pe.html>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº 84.631, de 12 de abril de 1980. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 abr. 1980. Seção 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos/decretos/1980/d84631.html. Acesso em: 17 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 4.084/1962, de 30 de Junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2 Jul. 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 21 mar. 2021.

BRASIL. Parecer Cne/Ces 492/2001 - Homologado. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 9 jul. 2001. Seção 1, p. 50-50. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Relação de cursos de biblioteconomia no Brasil. Disponível em: cfb@cfb.org.br Acesso: 10 jul. 2021. mensagem pessoal.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução N. 08/82, de 29/10/82**. Fixa os Mínimos de Conteúdo e Duração do Curso de Biblioteconomia. Documenta, Brasília, n.265, p.246, dez. 1982.

DIA DO BIBLIOTECÁRIO. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2021]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_do_Bibliotec%C3%A1rio. Acesso em: 27 abr. 2021.

ÉCOLE DE CHARTES. **Une institution au servisse de l’histoire et du patrimoine depuis 1821**. [2021?]. Disponível em: <http://www.chartes.psl.eu/fr/rubrique-ecole/institution-au-service-histoire-du-patrimoine-1821>. Acesso em: 17 set. 2021.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 247 p.

GABRIEL JUNIOR, R. F.; BUFREM, L. S. Influências teóricas do Professor Aldo Barreto na Ciência da Informação: uma análise da genealogia acadêmica. **Ciência da Informação em Revista**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 7–20, 2020. DOI: 10.28998/cirev.2020v7n3a. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/11023>. Acesso em: 17 ago. 2021.

GALVÃO, Alexander Patêz - **A informação como commodity: mensurando o setor de informações em uma nova economia**. Ciência da Informação [online]. 1999, v. 28, n. 1 [Acessado 19 Julho 2021], pp. 67-71. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19651999000100009>.

MUELLER, S. P. M. Avaliação do estado da arte da formação em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 17, n. 1, 1988. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/53793>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990. 116 p.
UNIRIO. Escola de Biblioteconomia. **História**. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/historia>. Acesso em: 24 abr. 2021.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia**. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/CPGENQ/Downloads/PPC BIBLIOTECONOMIA FCI 2018.pdf](file:///C:/Users/CPGENQ/Downloads/PPC%20BIBLIOTECONOMIA%20FCI%202018.pdf). Acesso em 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia**. 2012. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/Biblioteconomia/ppp_06jul2017comprimido.pdf. Acesso em :27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Biblioteconomia Bacharelado 2019**. 2019. Disponível em: <https://ufal.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus-maceio/biblioteconomia-bacharelado-2019-3.pdf/view>. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Projeto Político Pedagógico: biblioteconomia**. 2016. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/75/o/projeto_pedag%C3%B3gico_DEZEMBRO.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Portal do Departamento de Ciência da informação. **Projeto político-pedagógico do Curso de Biblioteconomia**. Disponível em: http://www.biblioteconomia.unir.br/portal/?page_id=78. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Programas de Ensino**. Disponível em: <https://cin.ced.ufsc.br/programa-das-disciplinas/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. **Projeto Político Pedagógico do curso de Biblioteconomia**. 2006. Disponível em: <https://www.ufca.edu.br/cursos/graduacao/biblioteconomia/projeto-pedagogico/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Escola de Biblioteconomia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Biblioteconomia**. 2009. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/Projeto-Pedagogico-do-Curso-de-Licenciatura-em-Biblioteconomia.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Biblioteconomia. Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia. 2009. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Fgs2Z_R9eYGUhgrL-FdMZYpIJIM_H-xI/view. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Matriz Curricular**. Disponível em: <http://www.sociaisaplicadas.ufpr.br/portal/decigi/graduacao/curriculo-e-disciplinas/>. Acesso em: 27. abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Projeto Pedagógico**. Disponível em: <http://www.sociaisaplicadas.ufpr.br/portal/decigi/graduacao-2/projeto-pedagogico/>. Acesso em: 27. abr. 2021.

ZOOM COMUNICAÇÃO. Dia do Bibliotecário: sete nomes importantes na Biblioteconomia. **Boletim Eletrônico CRB-6**, Belo Horizonte, mar. 2020. Disponível em: <https://crb6.org.br/boletim-eletronico-crb-6/dia-do-bibliotecario-sete-nomes-importantes-na-biblioteconomia/>. Acesso em: 17 set. 2021.